

A MANUFATURA COMO FONTE DA HISTÓRIA ANTIGA: A CERÂMICA E O METAL

✍ *Maria Isabel D'Agostino Fleming**

RESUMO: É discutida a documentação material, em particular a manufatura, como fonte da História Antiga e seu relacionamento com as fontes escritas. O método de trabalho é exemplificado com a análise das lamparinas de terracota greco-romanas, cuja decoração figurada testemunha o contato do mundo popular com o aristocrático, através das cópias do repertório de imagens próprias das manufaturas de luxo (de ouro, prata e bronze) para decorar objetos utilitários e baratos. A leitura do artesão de lamparinas das idéias transmitidas pelas imagens originais em que se inspira, implica numa recriação em que busca uma linguagem adequada às expectativas de sua clientela.

Algumas categorias de objetos, de várias naturezas e funções, produzidos na Antiguidade, adquirem seu verdadeiro sentido quando pensados como um documento material, estreitamente associado a um tipo específico de trabalho, a manufatura. É neste contexto de produção que se revela sua clara oposição ao objeto de arte, caracterizado pela singularidade, na qual repousa seu valor. Como objetos utilitários, estão intimamente ligados à repetição de uma série de operações que culminaram numa forma aprovada pela sociedade. É esta recorrência, com pequenas variações, que lhes confere um significado histórico de experiências acumuladas de trabalhos passados. Conseqüentemente, seu estudo deve basear-se em dados de caráter estatístico capazes de individuar o que é normativo, isto é, repetitivo, chegando a formar verdadeiros tipos de utensílios, cujo estilo pertence à coletividade.

Assim sendo, a cultura material não deve ser vista meramente como uma ilustração da História, mas como uma fonte que permite atingir um conhecimento maior das sociedades passadas, mesmo aquelas que produziram documentos escritos.

* Museu de Arqueologia e Etnologia — USP.

Em relação às classes produtivas, ou seja, às que estão diretamente envolvidas com a manufatura, é bastante difundida a idéia dos limites das fontes escritas neste campo. O fato de serem criadas por indivíduos letrados já ilustra bem a distância entre o autor e o tema retratado. A esse fato deve ser acrescentado que as próprias fontes também se enquadram em categorias diferenciadas, o que implica em diferentes níveis de informação sobre a cultura material analisada pela Arqueologia.

Os métodos da pesquisa arqueológica necessitam levar em conta todos esses dados que terão um grande peso no necessário confronto entre fontes escritas e os resultados da análise da cultura material. Esta é a maneira de avançar no conhecimento das sociedades antigas.

No caso da manufatura, que será aqui abordada, as fontes escritas e materiais examinadas são as que se referem ao artesanato.

A primeira dificuldade constatada no estudo das fontes escritas é que o termo artesão é usado para qualquer trabalhador com técnica cujo trabalho contribuiu para a manufatura de objetos em materiais duráveis e que dependia do exercício de sua técnica para viver. Há toda uma gama de trabalhos sem distinção hierárquica entre as atividades. Nenhum era mais ou menos profissional e artesão do que o outro. O que dá suporte a esta indiferenciação é a própria linguagem utilizada no grego e no latim para artesanato: *techné*, *ars*. Os termos gregos *technites*, *cheirotechnites* ou *demiourgos*, e latinos *faber* ou *artifex* eram empregados para designar escultor ou mineiro, trabalhador em jazidas ou arquiteto. Isso não significa que não se apreciasse o caráter artístico da produção de peças de cerâmica refinada pintada, da escultura, ourivesaria, etc., como opostas, por exemplo, à habilidade técnica da separação do metal do seu minério.

A literatura antiga está repleta de referências elogiosas ao artesanato e trabalhos artísticos e é necessário distinguir entre esses elogios os trabalhos de diletantes das análises dos verdadeiros profissionais e compreender a verdadeira finalidade de cada uma dessas fontes. Podem ser distinguidas três categorias de fontes escritas a serem confrontadas com a documentação material: a literatura de diletantes; a literatura de especialistas e os documentos pessoais.

a) *literatura de diletantes*: um exemplo típico é o de Plínio, o Velho, em suas inúmeras passagens da *História Natural* quando dis-

corre sobre os trabalhos das mais variadas naturezas dentro do grande artesanato. Esta literatura reflete o pensamento do homem rico que necessita conhecer as coisas certas e poder adquirir os melhores objetos de arte. A atenção se concentra na diferenciação de um estilo de um escultor para outro, ou na maneira em que pintores famosos conseguiam seus efeitos. Também inclui anedotas que revelam mais ou menos as circunstâncias do artista, mas neste caso, deve-se estar atento aos exageros retóricos, ao culto da personalidade por parte do dilectante. Os Livros XXXIII-XXXVI da *História Natural* de Plínio ocupam um lugar especial em qualquer estudo de como a informação sobre a arte foi transmitida de uma geração a outra porque o autor dá um índice bibliográfico para cada Livro.

b) *literatura de especialistas*: foram escritos alguns trabalhos seriamente devotados às várias técnicas, porém, sobreviveu somente sua memória, com exceção do estudo de Vitruvius sobre a Arquitetura e alguns relatórios mais teóricos de invenções mecânicas. O tratado de Vitruvius é o produto não de um teórico, mas de um arquiteto profissional revelando toda a gama de seus conceitos, tanto técnicos quanto intelectuais. É dele a mais completa, porém, não a única, expressão articulada da opinião do artesão em relação a seu trabalho.

c) *documentos pessoais*: são escassos os comentários sobre os aspectos técnicos e estilísticos do artesanato, bem como sobre o modo de vida dos artesãos. Essa inadequação das fontes é em larga escala compensada por documentos pessoais dos próprios artesãos que dominavam uma técnica. Entre eles estão as assinaturas, às vezes acompanhadas por dados sobre a situação de vida, seus sentimentos sobre a técnica; as dedicatórias e epitáfios, que frequentemente também incluíam dados desse tipo; registros de honras públicas recebidas por artistas/artesãos individuais, e das atividades das várias associações de artesãos/artistas.

d) *documentação material*: comparando-se às dificuldades apresentadas em relação às fontes escritas como documentos referentes à manufatura e ao artesanato, a documentação material também sofreu sérias restrições por parte da pesquisa arqueológica até bem recente-

mente. Os estudos visavam, sobretudo, as construções monumentais – templos, grandes edifícios, etc. – e as esculturas, em detrimento das fontes que poderíamos chamar mais domésticas, como habitações e artefatos deste contexto, por exemplo. Apesar da maior resistência ao tempo de certos materiais e objetos, como a pedra e o metal, em comparação com a fragilidade da cerâmica ou materiais perecíveis, a manufatura compõe uma enorme porcentagem da documentação proveniente das escavações arqueológicas e foi destinada sistematicamente aos magazines dos grandes museus do mundo. Por trás da ênfase dada à chamada documentação do mundo oficial e das classes mais abastadas que durou até, pelo menos, a década de sessenta, está a valorização da obra de arte – associada a um colecionismo desenfreado – característica do pensamento que dominou as pesquisas arqueológicas desde o final do século XVIII, com consequente desprezo pelas demais manifestações do trabalho artesanal.

A grande massa de objetos de artesanato armazenados em museus, mais os provenientes das escavações contemporâneas, têm propiciado muitas pesquisas que visam conhecer as técnicas e demais atividades dos artesãos e sua inserção na sociedade como indivíduos e força produtiva. Visa-se, entre outras abordagens, à compreensão das técnicas através da série de objetos encontrados e da organização do trabalho que elas tinham subjacente. Dessa forma, se conhece o contexto da produção e, ao mesmo tempo, seu significado em cada momento histórico.

O confronto da documentação material com as fontes escritas

A associação da teoria e métodos da Arqueologia às informações das fontes escritas implica em análises minuciosas que podem acusar os diferentes sentidos da cultura material sob o ponto de vista da elite que a consumia e dos artesãos que a produziam, como integrantes do pensamento das camadas populares. Ou seja, a visão que as classes populares tinham das idéias produzidas pelo mundo oficial.

Para exemplificar este método de trabalho que vê a manufatura como fonte da História Antiga serão apresentados alguns aspectos que envolveram a produção das lamparinas de terracota greco-romanas no

contexto da produção da cerâmica em relevo e vasilhas de metal contemporâneas.

As lamparinas de terracota, além de documentos fundamentais para a história da iluminação na antiguidade, como testemunhos de uma evolução técnica importante ao longo de vinte séculos, apresentam, num determinado período de sua produção, uma característica interessante, que permite relacioná-las a outros tipos de objetos. Trata-se de sua decoração figurada em relevo. A partir do final do período helenístico e, fundamentalmente, no período imperial romano, as lamparinas passaram a fazer parte das categorias cerâmicas que, através de sua decoração, transmitiam uma ideologia codificada em imagens. Até então, esta era uma prerrogativa da cerâmica pintada de luxo, que desde o período geométrico (final do séc. IX – séc. VIII a.C.), através de representações de figuras isoladas ou em grupos, levava até seus proprietários um padrão de comportamento religioso e social. Se os estilos mudaram com o decorrer do tempo, permaneceu o significado das imagens como um veículo de difusão de idéias mais eficientes do que a escrita, acessível a um número restrito de pessoas. As lamparinas contemporâneas às cerâmicas figuradas dos séculos VIII-III a.C. não possuíam decoração por serem do contexto da cerâmica utilitária. Somente quando no período helenístico e romano a cerâmica utilitária passou a ser decorada é que as lamparinas também o foram. Essa cerâmica decorada com figuras em relevo se caracteriza por suas formas e motivos copiados de vasilhas de metal: ouro, prata, bronze. Sendo cópias, foi uma maneira de tornar acessíveis imitações de objetos de alto custo, não só pelo emprego de matéria-prima barata, como pelo rápido processo de produção da moldagem, introduzida na fabricação da cerâmica neste período. Assim, as imagens com circulação nas altas camadas chegaram às classes populares. Quanto às lamparinas, as figuras das vasilhas cerâmicas foram adaptadas à área reservada com esta finalidade na parte superior do recipiente.

As imagens representadas nas lamparinas moldadas tiveram sua qualidade técnica, logicamente, relacionada ao centro que as produziu. Contemporaneamente a toda produção de lamparinas foram feitas cópias em outros centros com maior ou menor intensidade, resultando também em diferentes níveis de qualidade de seus produtos.

As cópias, por sua vez, são fontes de informação sobre a impor-

tação de certas imagens. Ao mesmo tempo, nas reproduções, a escolha de um tema em detrimento de outros denota os interesses locais ou o grau de influência sócio-cultural, religiosa ou econômica exercida pelo centro exportador através de suas lamparinas.

As lamparinas, além dos motivos absorvidos das vasilhas de metal e cerâmica, eram também decoradas, segundo o período e o lugar, com os mais variados temas. Sendo fontes secundárias, essencialmente copiavam originais, obras da estatuária, de grandes relevos e pinturas murais, bem como de mosaicos. Às vezes, certos elementos das representações estão muito distanciados do seu sentido original. Assim, constata-se a compreensão que o universo popular tinha do mundo oficial, quais os aspectos que mais o influenciaram e de que modo foram assimilados e transmitidos para uma certa camada da população.

A iconografia das lamparinas, através da análise dos principais temas representados, permite observar as eventuais implicações de ordem religiosa, histórico-social, política e econômica no mundo greco-romano, geralmente contidos nas fontes primárias em que se basearam.

Se, por um lado, o conhecimento do repertório é fundamental, somente uma análise dos estilos e da evolução das inúmeras representações de cada tema em lamparinas dará a idéia de como, em cada época e em diferentes lugares, se compreendeu e se interpretou um elemento da cultura dos povos que utilizaram esse meio de iluminação. Procura-se, assim, entender por que certos detalhes foram modificados ou mesmo suprimidos, às vezes substituídos por outros que, embora sem ligação aparente, mostram que as maneiras de pensar sofreram modificações e os antigos esquemas estrangeiros não eram adequados ou suficientes para exprimir a mensagem iconográfica desejada.

Conclusão

O estudo das lamparinas de terracota greco-romanas e seu contexto de produção evidencia aspectos importantes, dentre vários outros, para a reconstituição da história de um período, no qual a opção foi acompanhar de perto o artesão, muito pouco retratado nas fontes

escritas e frequentemente com uma imagem distorcida. No ambiente das oficinas, ainda que eventualmente não pudesse escolher as figuras que decoravam as lamparinas, sua liberdade estava na maneira que ele achasse mais significativa de combinar os elementos para atingir a mensagem desejada, dependendo da clientela consumidora.

O artesão ainda pode ser estudado sob diferentes prismas. Um deles, sempre dentro do contexto das lamparinas associadas à cerâmica em relevo, num primeiro momento e, posteriormente, às vasilhas de metal, um produto mais refinado, usa esse referencial para analisar os diferentes níveis de especialização exigido para cada tipo de manufatura e a própria hierarquização entre as diferentes categorias de artesãos.

Do mundo do artesanato pode-se passar para o do comércio e consumo dessas manufaturas. A cadeia de relacionamentos é tão ampla quanto se desejar para o estudo da sociedade greco-romana em que o método de trabalho, além de utilizar os documentos escritos, está centrado na manufatura como fonte da História Antiga.

ABSTRACT: *The manufacture as a source of Ancient History: ceramics and metal.* — The material documentation, the manufacture in particular, is discussed as a source of Ancient History and its relationship with the written sources. The working method is exemplified by the analysis of greco-roman terracotta lamps, whose figured decoration witnesses the contact of popular world with the aristocratic one, through the copies of the repertoire of images pertaining to the luxury manufactures (of gold, silver and bronze) to decorate cheap utilitarian objects. The interpretation, by the lamp craftsman, of the ideas transmitted by the original images which give him inspiration, implies a re-creation in which he searches for a language adequated to the expectations of his clients.